



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JOHANDESON NEVES GONÇALO

**C.S. LEWIS E AS *CRÔNICAS DE NÁRNIA*: INSTRUMENTO
EVANGELIZADOR OU UMA APOLOGIA AO PAGANISMO?**

GUARABIRA – PB

2012

**C.S. LEWIS E AS *CRÔNICAS DE NÁRNIA*: INSTRUMENTO
EVANGELIZADOR OU UMA APOLOGIA AO PAGANISMO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento a exigência do grau de licenciado
em Letras.

Orientadora: Prof^a.Dra. Sueli Meira Liebig

GUARABIRA – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

G635c

Gonçalo, Johandeson Neves

C. S. Lewis e as crônicas de Nárnia: instrumento evangelizador ou uma apologia ao paganismo? / Johandeson Neves Gonçalo. – Guarabira: UEPB, 2012. 23f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Sueli Mieira Liebig”.

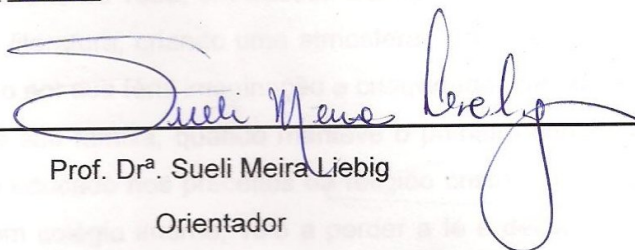
1. Literatura Infanto-Juvenil 2. Paganismo
3. Evangelização I. Título.

22.ed. CDD 808.068

**C.S. LEWIS E AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: INSTRUMENTO
EVANGELIZADOR OU UMA APOLOGIA AO PAGANISMO?**

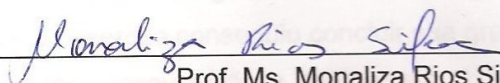
JOHANDESON NEVES GONÇALO

Aprovado em 19/06/2012.



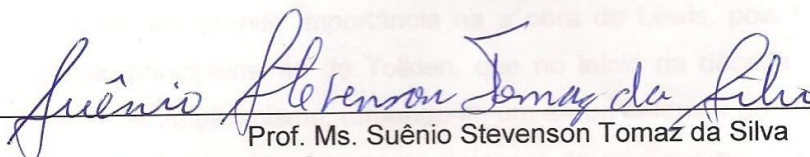
Prof. Dr^a. Sueli Meira Liebig

Orientador



Prof. Ms. Monaliza Rios Silva

Examinador



Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva

Examinador

GUARABIRA – PB

2012

RESUMO

As Crônicas de Nárnia é uma série de sete livros do autor irlandês C.S.Lewis, destinados ao público infanto-juvenil e escritos entre 1949 e 1954. Além dos tradicionais temas cristãos, a série se utiliza de personagens da mitologia grega e nórdica, bem ao estilo dos contos de fadas. O conteúdo cristão da série é o centro de um caloroso debate entre os seus críticos e defensores. Muitos cristãos entendem a série como um grande meio de evangelização, enquanto outros colocam os livros como um meio subliminar de passar valores pagãos. O que temos em mente neste artigo é averiguar se os valores cristãos do primeiro livro, *O Sobrinho do Mago*, diretamente ligado ao livro de *Gênesis*, seria um método lúdico de evangelização ou, pelo contrário, uma apologia ao paganismo. Tomando como aporte teórico os estudos sobre dialogismo e polifonia (BAKHTIN, 1981); fontes (ZILBERMAN, 2004); e biografia de Lewis (DOWNING, 2002), propomo-nos então a determinar qual das duas opções tem maior peso na obra em questão.

Palavras-chave: As Crônicas de Nárnia; Literatura infanto-juvenil; evangelização; paganismo.

INTRODUÇÃO

Clive Staples Lewis, ou como é mais conhecido, C. S. Lewis, nasceu na Irlanda do Norte, no ano de 1898, em Belfast. Desde cedo demonstrava um grande interesse pela literatura, criando uma atmosfera cultural em um mundo todo próprio, dominado por sua fértil imaginação e criatividade, perdido entre os livros da biblioteca da sua família, quando manteve o primeiro contato com a mitologia nórdica. Foi educado nos preceitos da religião cristã Anglicana, mas já aos treze anos, num colégio interno, veio a perder a fé e declarar-se ateu. Graduou-se em Filosofia, Línguas Clássicas e Língua e Literatura Inglesa, mas só após servir ao exército conseguiu concluir sua graduação.

O escritor passou então a ensinar em Oxford, onde conheceu vários escritores famosos, como Tolkien, T. S. Eliot, e G. K. Chesterton. Esses autores tiveram grande importância na obra de Lewis, pois foi através da influência, principalmente de Tolkien, que no início da década 1930 ele se converteu ao Anglicanismo, tornando-se um árduo defensor do cristianismo em suas obras. A primeira obra como defensor do cristianismo autêntico foi *The Screwtape Letters* (Cartas de um demônio ao seu sobrinho) no ano de 1933.

Lewis demonstrou sempre uma inteligência privilegiada e um estilo espirituoso e imaginativo, e foi se utilizando desses artifícios que em 1949 começou a escrever uma série de livros, no total 7, direcionados ao público infanto-juvenil intitulado *The Chronicles of Narnia* (As Crônicas de Nárnia).

O primeiro livro dessa sequência épica para crianças foi *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (O leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa) em 1950, pois o escritor não tinha intenção inicial de escrever uma sucessão de livros. Posteriormente, escrevendo outros livros, resolveu retomar a temática e preencher algumas lacunas deixadas na primeira obra, por isso a ordem cronológica dos livros não segue a ordem das publicações.

A sequência cronológica dos livros seria: *The Magician's Nephew* – 1955 (O Sobrinho do Mago), *The Lion, the Witch and the Wardrobe* - 1950 (O leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa), *The Horse and his Boy* - 1954 (O Cavalo e seu Menino), *Prince Caspian* – 1951 (O Príncipe Caspian), *The Voyage of*

the Dawn Treader – 1952 (A Viagem do Peregrino da Alvorada), *The Silver Chair*- 1953 (A Cadeira de Prata) , *The Last Battle* – 1956 (A Última Batalha).

C. S. Lewis viveu em um período histórico muito rico de fatos relevantes, e em várias ocasiões do romance o escritor transporta para Nárnia eventos e acontecimentos históricos como crítica ao comportamento da humanidade e aos atos praticados pelo homem. Um exemplo disso é a forma como em *O Sobrinho do Mago* a personagem Jadis, a rainha de gelo, destrói Charm, seu mundo natal, utilizando-se de uma magia conhecida como “Palavra Execrável”, que produz um efeito semelhante às cicatrizes utilizadas pelo uso das armas nucleares.

No decorrer dos anos *As Crônicas de Nárnia*, agora reduzidas a um só volume, sofreu inúmeras adaptações tanto para a televisão e o rádio, quanto para o teatro e o cinema. Ganhou grande repercussão ultimamente com as produções hollywoodianas, tendo sido o primeiro filme *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* , lançado em 2005 e posteriormente seguido de *O Príncipe Caspian* (2008) e *O Peregrino da Alvorada* (2010). Essas adaptações deram grande visibilidade à série literária, que até então era quase desconhecida em alguns países.

Neste trabalho iremos nos reportar estritamente ao livro *O sobrinho do mago*, o primeiro livro na ordem cronológica e o sexto na ordem de publicação, objetivando analisar a influência sofrida por C. S. Lewis em sua conversão e o mundo vivido em sua infância nesses livros fantásticos cheios de figuras pagãs.

O principal livro católico que iremos abordar nessa análise comparatista seria também o primeiro livro da Bíblia, *Gênesis*, que assim como *O sobrinho do mago* é o primeiro livro da série e também aborda a criação do mundo e dos seres. Por outro lado, além de abordar temas tradicionais cristãos, a série ainda se utiliza de personagens da mitologia grega e nórdica como anões, fadas, animais falantes entre outros seres fantásticos, bem ao estilo dos contos de fadas.

O conteúdo cristão da série é o centro de um caloroso debate entre os seus críticos e defensores. Muitos cristãos entendem a série como um grande meio de evangelização, uma adaptação da Bíblia para jovens e adolescentes, enquanto outros colocam os livros como um meio subliminar de passar valores

pagãos. O que temos em mente neste trabalho é averiguar se os valores cristãos do primeiro livro, *O Sobrinho do Mago*, diretamente ligado ao livro de *Gênesis*, seria um método lúdico de evangelização ou, pelo contrário, uma apologia ao paganismo, pelo uso extensivo de figuras míticas e folclóricas.

A literatura como veículo de persuasão

A literatura é uma das frentes mais propícias para que um indivíduo se imponha ao outro, pois, sendo a leitura uma atividade tão individualizada, nos tornamos mais suscetíveis a acatar os sentimentos e ideologias do autor, tecendo imagens, ora inusitadas, ora familiares, à procura de manifestar o real, que se torna tão mais intenso quanto maior for o estranhamento produzido pelo fato literário. Esse papel da literatura como veículo de persuasão entre os leitores, principalmente da literatura ficcionista, vem sendo debatido desde o século XVIII, pois mesmo sendo considerada passatempo de ocioso, uma leitura indigna e corruptora dos costumes, os autores perceberam que por ter esse apelo popular, com maior consumo entre os jovens, a sua utilização poderia ser direcionada à instrução moral. Como afirma Sandra Gardini Vasconcelos:

Daniel Defoe e Richardson contaram entre os primeiros a descobrir o potencial didático da ficção. Havia ilicitamente, em suas visões sobre ela, o raciocínio de que, se a ficção tinha um forte apelo popular e principalmente os jovens iam lê-la de qualquer forma, seria mais adequado que ela contivesse uma boa dose de instrução moral, na melhor tradição horaciana do *titile Et Dulce* (VASCONCELOS:2002 p. 48).

Verificando esse caráter peculiar da literatura nas ações dos personagens, que incutem, no inconsciente do leitor, normas para o texto que devem ser seguidas. Na maioria das vezes percebe-se a presença insistente de elementos filosóficos que lhe conferem um caráter formador dificilmente contestável. O texto penetra na mente do leitor, que o recontextualiza,

absorvendo-o, moldando-o e sendo por ele moldado. A literatura só passa a ser produzida a medida que o leitor interage com o texto e se identifica, ou seja, que para se atingir o objetivo desejado da obra literária é necessário que haja um interesse do receptor pela literatura, provocando essa transmissão, pois caso não haja essa comunicação, não haverá diálogo entre condutor e receptor, tendo em vista que este tece o texto enquanto se identifica, projeta e se representa com os personagens da ficção.

A Obra literária atrela-se aos valores ideológicos vigorantes que o artista utiliza nos seus temas e provoca impacto quando se comunica com seu público. Por esse motivo, a obra está completa somente no momento de interação artista/público, quando seus efeitos se fizerem sentir nesse último. Em *A literatura e a formação do homem* Antonio Candido divide a função exercida pela literatura em três, as quais, em seu conjunto, denomina de função humanizadora da literatura. As funções são a psicológica, a formadora e a social. Sobre a formadora ele afirma o seguinte:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] . Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...] É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe. (CÂNDIDO, 1972, p. 805)

Como vimos na citação acima, percebe-se claramente a influência da literatura de atuar na formação do indivíduo, que pode ter suas características moldadas através da obra lida. Ainda nas palavras de Candido, a literatura “não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, por que faz viver”. (CANDIDO, 1972, p. 806). C.S. Lewis nos leva por caminhos que nunca pensávamos que existissem para além da nossa própria imaginação ou desejo. Quando tomamos contato com essas experiências relatadas pelos

personagens, isso dá-nos a esperança de que realmente seja possível viver assim, de que realmente possamos viver em um mundo paralelo, com seres inacreditáveis e aventuras fantásticas.

Sobre as Fontes

Uma obra de arte é influência e produto secundário do que foi vivido pelo seu ator, sua literatura é espelho dos fatos, obras e matérias, podendo ser concretos ou não, vividos pelo escritor, estes que influenciaram no processo de criação alojando-se no texto na condição de sintomas, marcas e cicatrizes presentes em toda criação, sendo assim uma “fonte” que se manifesta nas letras e ideias em toda a narrativa. Assim afirma Regina Zilberman em *As pedras e o arco*:

Fontes podem ser todo e qualquer material utilizado pelo artista antes de produzir sua obra: lembranças infantis, sonhos, histórias particulares ou coletivas, a tradição local ou nacional, escritos próprios ou alheios. Genericamente, “fontes” corresponde a um significante que pode acolher tudo que precede a obra, pertencendo à sua fase de gestão e produção.” (ZILBERMAN, 2004, p. 18)

As “fontes” em que Lewis bebe pra escrever *As crônicas de Nárnia* são em geral vividas em sua infância, percorrendo tanto sua fase cristã quanto pagã. Nesses livros Lewis recorda os momentos vividos em sua meninice, fatos esses como a doença da sua mãe, sentimento compartilhado pelo personagem Digory. Ao contrario de Lewis, Digory não perde sua mãe graças a uma fruta milagrosa trazida de Nárnia, em que o escritor se utiliza das ferramentas da literatura para poder digerir e idealizar, talvez, outro final pra sua própria história. Zilberman afirma ainda que “A memória constitui o ponto de intersecção entre as fontes e a criação artística” (2004, p. 18). Lewis se apropria em sua narrativa tanto de momentos históricos marcantes para toda a humanidade, como a bomba nuclear quando se refere à “palavra execrável” que destrói todo o mundo de Charm, mundo da feiticeira, quanto também há

personagens que marcaram drasticamente a sua infância como o Sr. Capron, o professor que tanto o desprezou no período de internato e que é transformado em seu livro no tio Andrew, visto como uma pessoa detestável e mesquinha. Como afirma David Downing:

(...) Em 1955, o ano em que publicou *Surpreendido pela alegria* retratando Capron como um ogro, também publicou *O sobrinho do mago*, retratando-o como um bufão. A transformação imaginativa realizada por Lewis do brutal Capron em cômico Ketterley ilustra o processo às vezes denominado “destilar a bilis nos livros” (DOWNING, 2002, p.44).

Segundo Downing, Lewis ainda se utiliza de seu personagem para exorcizar seus sofrimentos, trazendo para tio Andrews não só características malignas, mas transformando-o talvez no seu personagem mais cômico. As características não ficam restritas apenas à descrição física, como afirma Downing mais a frente em seu livro:

Mesmo na descrição física, os paralelos são surpreendentes: tio Andrew é descrito em *O sobrinho do mago* como “muito alto e muito magro”, “com um nariz pontudo e olhos extremamente brilhantes” – estes últimos também classificados por Digory de “olhos terríveis”. Ele também tem “um enorme tufo de cabelo grisalho e emaranhado”, mencionado dezenas de vezes ao longo da história. Mais adiante, ficamos sabendo que o tio Andrew completara 60 anos. Nas memórias da família Lewis, Warren considera que Capron tinha “cerca de 60” na época em que os irmãos Lewis frequentaram Wynard, e o caracteriza como um homem de altura “acima da média”, “olhos penetrantes” e praticamente pretos, nariz pequeno e deformado que parecia coberto de verniz e “um monte de cabelo grisalho” (DOWNING, 2002, pag. 44)

Antes mesmo de C. S. Lewis passar a estudar em um internato na Inglaterra, ele juntamente com seu irmão Warren, três anos mais velho, passavam as tardes perdidos na generosa biblioteca da família, deleitando-se principalmente de autores como Edith Nesbit e Beatrix Potter, e de histórias sobre cavaleiros andantes e suas aventuras. Os irmãos Lewis ainda criavam em suas tardes ociosas mundos fictícios onde animais falavam e seres mitológicos viviam características principais na obra analisada.

A memória de Lewis, principalmente nos primeiros anos vividos juntamente com seu irmão, foi de primordial importância para a criação de sua obra, servindo como embasamento para a criação de seus personagens e aventuras enfrentadas durante sua narrativa.

Em seu artigo “O empreendimento autobiográfico”, José Guimarães e Erico Verissimo nos dão o seguinte parecer acerca da arte e de sua criação:

(...) o ato de criação literária não é somente pensado, ou impelido pelo inconsciente, é também produto de uma conjuntura sócio-histórica sob o influxo de pressões econômicas e tradições culturais. (GUIMARÃES e VERÍSSIMO, 2004, p.279-80)

Mais adiante os autores ratificam seu pensamento afirmando que.

Dessa maneira, a obra literária possui um sujeito-autor mergulhado na linguagem, que lhe possibilita não só expressar seus sentimentos e idéias, mas também, através da memória, voltar ao passado, projetar-se ao futuro através da memória, voltar ao passado, projetar-se ao futuro pela imaginação e dialogar consigo mesmo e com outros sujeitos” (GUIMARÃES e VERÍSSIMO, 2004, pag. 280)

Lewis se apropria desse artifício para escrever sua obra. Apropria-se de fatores históricos, geográficos, culturais e religiosos, como também de suas memórias, ou seja, um verdadeiro empreendimento autobiográfico.

Dialogismo , Intertextualidade

Toda obra é fruto do que vivemos e absorvemos durante nossa vida, sendo produto não só de experiências vividas no cotidiano, mas também fruto indireto de obra de outros autores, tendo na sua essência a presença de um ou

mais textos mantendo sempre o dialogo entre os mesmos. Barros e Fiorin afirmam o seguinte:

Intertextualidade ou dialogismo é uma referência ou uma incorporação de um elemento discursivo a outro, podendo-se reconhecê-lo quando um autor constrói a sua obra com referências a textos, imagens ou a sons de outras obras e autores e até por si mesmo, como uma forma de reverência, de complemento e de elaboração do nexos e sentido deste texto/imagem (BARROS; FIORIN, p. 32 1999)

Na sua coletânea literária escrita ao longo de seis anos, Lewis traz influências mais que evidentes de escritores que fizeram parte de sua infância, obras essas regadas a muita fantasia, contos de fadas e misticismo, que para ele possuem uma grande importância, pois contam histórias de animais e de seres mitológicos. Neles encontramos uma mescla de atributos de crianças, que não têm responsabilidades, e de adultos, que têm a liberdade de ir e vir, além de muitas referências a livros bíblicos, que passaram a ter grande impacto na sua vida, à época da sua recém conversão.

Suas histórias, como podemos constatar na coletânea *As Crônicas de Nárnia*, não podem ser consideradas apenas literatura de passatempo, pois também demonstram modelos de vida, segundo a ética e a moral cristãs. C.S. Lewis promove, através de figuras extraídas de clássicos pagãos e da mitologia, de um modo geral, uma “remontagem” do evangelho. Para o autor, uma das formas do aprendizado pode acontecer através da imaginação, já que por meio desta, a dor e o sofrimento são transformados em sabedoria. Desta forma, ele promove um dialogo entre esses dois tipos de textos no momento em que reconstrói passagens bíblicas.

Nesse processo, embora o discurso de Lewis seja produto do entrelaçamento de outras vozes, ele se torna novo. Em “O sobrinho do mago” existe uma relação pacífica e construtiva com a diferença, onde o autor consegue fazer um intercambio entre duas culturas totalmente opostas, cristianismo e paganismo, promovendo um dialogo antes quase impossível.

O Sobrinho do Mago X O livro de Gênesis: Convergências

Começemos por estabelecer entre as duas obras uma relação que não está presente no *Gênesis* e que foge do corpus proposto, mas que é pertinente em toda obra: o fato de a figura de Aslan ser um leão não é uma escolha aleatória, pois no *Apocalipse* Jesus é comparado a esse felino: “*E disse-me um dos anciãos: Não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos.*” (Apocalipse, 5:1-5).

Lewis divide sua narrativa em duas partes: a primeira, que diz respeito à descoberta dos mundos por Digory Kirke e sua amiga Polly Plummer através dos anéis cedidos pelo seu tio, e a segunda, que retrata a criação de Nárnia e dos primeiros desafios impostos por aquele mundo novo. É nessa segunda parte que o escritor estabelece em seu texto uma visão de tonalidade diferente, em que apresenta algumas das principais linhas de investigação deste estudo. Vejamos:

Após reviravoltas homéricas na narrativa, os amigos: Digory e Polly conseguem finalmente concertar seu erro e levar a rainha Jadis para um novo mundo. Porém junto aos três vieram também o Cocheiro e o Tio André, formando uma comitiva de cinco pessoas juntamente com o cavalo. Nesse novo mundo eles se encontram nas trevas, em uma órbita vazia, um nada. Observemos a conversa dos personagens do romance:

- É verdade . disse Polly. . Agora é que estou percebendo. Mas por que esta escuridão? Quer dizer, será que entramos no poço errado?
- Talvez estejamos em Charn . disse Digory. . Só que voltamos durante a noite.
- Aqui não é Charn. . Era a voz da feiticeira.
- Aqui é um mundo vazio. Aqui é Nada. (LEWIS, 2006,p. 55)

Comparamos com a citação bíblica que narra também o período pré-criação: “E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”. (*Gênesis*, 1:2). Podemos fazer uma ponte entre esses dois textos em relação ao período que

antecede a criação. Tanto na literatura de C. S. Lewis assim como na Bíblia, no início ambos os mundos não passavam de um nada, reinava o vazio, até surgir a luz, fato também encontrado nos dois textos, como veremos abaixo.

A Voz na terra estava agora mais alta e triunfante, mas as vozes no céu, depois de entoar com ela por algum tempo, tornaram-se mais suaves.

Longe, perto da linha do horizonte, o céu se acinzentava. Movia-se uma aragem leve e refrescante. O céu naquele ponto tornava-se gradualmente mais pálido. Já se viam formas de colinas recortadas contra ele. E a Voz continuava a cantar.

A luminosidade agora já era suficiente para que se vissem. (LEWIS,2006,p. 57)

A Bíblia nos apresenta a seguinte passagem: “E disse Deus: “Faça-se a luz!” E a luz foi feita. E Deus viu que a luz era boa,e separou a luz das trevas, Deus chamou à luz DIA, e as trevas NOITE.” (Gênesis 1: 3-6)

Não podemos deixar de observar a interpretação da voz de Deus feita pelo autor das *Crônicas de Nárnia* : para ele o clamor divino soaria mais real e imponente que uma voz normal, seria um canto, algo majestoso e sem precedência, por isso ele faz com que Aslan cante e todo aquele mundo responda às suas ordens. Então, assim como na Bíblia , o Leão ordena com seu canto que se faça a luz e a luz é feita.

Assim que a luz é fato dividem-se as trevas da claridade e é feito o sol, astro ressaltado em ambas as obras:

O céu do oriente passou de branco para rosa, e de rosa para dourado. A voz subiu, subiu, até que todo o ar vibrou com ela. E quando atingiu o mais potente e glorioso som que já havia produzido, o sol nasceu. (LEWIS, 2007,p. 57)

Deus disse: “Façam-se luzeiros no firmamento dos céus para separar o dia da noite; sirvam eles de sinais e marquem o tempo, os dias e os anos; e resplandeçam no firmamento dos céus para iluminar a terra.” E assim se fez. Deus fez os dois grandes luzeiros: o maior para presidir o dia, e o menor para presidir à noite; e fez também as estrelas. Deus colocou-os no firmamento dos céus para que iluminassem a terra, presidissem ao dia e à noite, e separassem a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom. (Genesis1- 14-18)

O sol possui grande importância em ambos os textos, ressaltando sua autoridade e relevância para a vida nos respectivos mundos. Assim sendo, Lewis toma como arcabouço a criação do mundo por Deus para criar seu próprio mundo, uma nova dimensão, mas com o mesmo criador e o mesmo pano de fundo. Sobre a criação dos seres vivos fica ainda mais evidente a influência do *Gênesis* na criação de *O Sobrinho do mago*, como se segue:

Digory ficou com o rosto quente, vermelho. Nem tio André escapou aos efeitos da música, pois Digory o ouviu dizer: .Moça valente! Que pena o temperamento dela! Mas que mulher, que mulher danada!

No entanto, o que a canção provocava nos seres humanos não era nada, se comparado com o que estava acontecendo ao resto daquele mundo. Você é capaz de imaginar um monte de terra relvosa a borbulhar como água na chaleira? Não pode haver melhor descrição do que estava acontecendo. Por todos os lados a terra se inchava em corcovas. Eram montes de tamanhos diversos, alguns do tamanho de um formigueiro, outros do tamanho de um barril, outros do tamanho de uma cabana. E as corcovas mexiam-se e ficavam inchadas até estourarem: aí, a terra se derramava e de cada monte surgia um bicho. As toupeiras iam aparecendo, e também os cachorros, latindo no momento em que livravam a cabeça, do mesmo modo como fazem para atravessar uma passagem estreita na cerca. Os mais divertidos eram os veados, pois os galhos dos chifres surgiam muito antes do resto, dando a impressão de árvores. As rãs iam logo, coaxando, coaxando, dar um mergulho no rio. Panteras, leopardos e os bichos desse gênero punham-se logo a limpar as patas traseiras e as garras dianteiras. Borboletas esvoaçavam. Abelhas começavam imediatamente a trabalhar com as flores como se não tivessem um segundo a perder. Mas o grande momento, o maior de todos, foi quando o maior dos montes de terra partiu-se como um PE

queno terremoto e de lá surgiram o vasto costado, o carão ajuizado e as quatro colunas que servem de pernas ao elefante. Já mal se escutava o canto do Leão: era um mugir, um crocitar, um uivar, um bramir, um relinchar, um latir, um trinar, as vozes todas dos animais. (LEWIS, 2006, p.63)

Deus disse: “Produza a terra seres vivos segundo a sua espécie: animais domésticos, reptéis e animais selvagens, segundo a sua espécie.” E assim se fez. Deus fez os animais selvagens segundo a sua espécie, os animais domésticos igualmente, e da mesma forma todos os animais, que se arrastaram sobre a terra. E Deus viu que isso era bom. (Gênesis1: 24-25)

Na Bíblia Deus ordena que a terra crie os animais, que surjam do nada. Lewis enxerga nessa ordem divina as entrelinhas, ou seja, ela apenas narra em Nárnia como seria a visão de quem estivesse observando em terceira pessoa a criação desses seres e a influência dessas ordens se acaso existisse alguém observando a criação do mundo em que vivemos.

Mais à frente, enquanto Aslam se reúne com seu conselho de animais falantes, ele questiona Digory a respeito da presença da feiticeira alienígena naquele novo mundo, chamando-o de “filho de Adão”, enquanto se refere a Polly como “filha de Eva”:

- Filho de Adão – falou Aslam, olhando não para Digory, mas para os conselheiros – O rapaz que fez isso. Dez coisas diferentes passaram como um relâmpago pela cabeça de Digory, que teve o juízo de contar estritamente a verdade.
- Fui eu que a trouxe, Aslam – respondeu, com a voz fraca. (LEWIS, 2006.pag. 73)

- Que estão as duas filhas de Eva cochichando aí? – perguntou Aslam, voltando-se subitamente para Polly e para a mulher do cocheiro, que já eram muito amigas (LEWIS, 2006. pag 79)

Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes. (Gênesis 3, 20-21)

No criacionismo Adão e Eva foram o primeiro homem e a primeira mulher a surgirem no mundo e subseqüentemente todos os seres humanos que pudessem vir a existir seriam seus descendentes, seus filhos. Então, ao se referir a Digory e Polly como filhos destas figuras bíblicas, Lewis acaba por fazer uma referência direta aos preceitos bíblicos. Sobre a alegoria do leão Aslam como uma representação de Deus no mundo de Nárnia, podemos perceber em toda a narrativa o mesmo poder de onipresença da divindade bíblica, visto que Aslam, mesmo fazendo certos questionamentos aos personagens, demonstra saber de tudo o que se passou em todos os mundos visitados pelos jovens aventureiros. Vejamos na citação abaixo a demonstração desse conhecimento universal de Aslam:

- Meu filho – disse Aslam para o cocheiro. – Há muito tempo que o conheço. Você me conhece?

- Bem, senhor, não – respondeu o cocheiro. – Pelo menos, não no sentido comum. No entanto, se me permite dizer, sinto que o conheço de algum lugar.
- Está certo. Conhece mais do que pensa, e viverás para conhecer-me ainda melhor. Gosta deste lugar? (LEWIS, 2006.p. 74)

Nessa conversa do leão com o cocheiro percebemos que o felino demonstra ter um prévio conhecimento da existência do humano, mesmo que este nunca tenha pisado naquele mundo anteriormente, ratificando a existência terrena de Aslam. Com relação ainda à presença humana no mundo de Nárnia, diferentemente da Bíblia, o homem não foi criado e sim transportado para aquele lugar fantástico. Como dito anteriormente, Lewis critica fatos históricos em sua narrativa e nesse ponto ele refere-se à corrupção de Nárnia pelo ser humano, pois junto com a vinda desses seres a figura do mal, a feiticeira, se instala em um mundo puro.

- Vejam só, companheiros: antes que o mundo limpo e novo que lhes dei tivesse sete horas de vida, a força do Mal já o invadiu, despertada e trazida até aqui por este Filho de Adão. (LEWIS, 2006.p. 74)

Notamos na citação supracitada outra referência bíblica no que diz respeito à duração da criação: o que identificamos é uma menção aos sete dias bíblicos gastos por Deus pra criar sua obra, vejamos: “Assim foram acabados os céus, a terra e todo o seu exercito. Tendo Deus terminado no sétimo dia a obra que tinha feito, descansou do seu trabalho. (Genesis, 2,1-3)

Voltando à menção do homem na sua narrativa, Aslam transporta a mulher do cocheiro para o mundo de Nárnia e os transforma no primeiro Rei e Rainha, dando-lhes controle sobre todos os seres vivos, lhes incumbindo também do dever de nomear todas as criaturas. Assim como na Bíblia, observemos as passagens:

- Reinarão sobre estas criaturas e a elas darão nomes, e farão justiça, e as protegerão dos inimigos quando os inimigos vierem. E eles virão, pois há uma feiticeira do mal neste mundo. (LEWIS, 2006.p. 75)

Então Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra”[...]
 [...] Tendo, pois, o senhor Deus formado da terra todos os animais do campo, e todas as aves dos céus, levou-os ao homem, para ver como ele os havia de chamar; e todo o nome que o homem pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro.
 (Genesis 1: 26-27; 2: 19-20)

Na sequência da história, Digory e Polly, tentando minimizar o mal que haviam trazido àquele mundo, vão em uma busca de uma fruta mágica que protegerá Nárnia do mal imposto pela feiticeira e, seguindo orientações de Aslam, vão rumo a sua missão. Ao chegar a um jardim privado, referência ao jardim do Éden, eles encontram árvores de todos os tipos, porém uma se destaca em meio a todas por possuir maçãs cor de prata. Digory vê a feiticeira consumir uma das maçãs e esta, a exemplo da serpente bíblica, lhe oferece o fruto amaldiçoado, tentando ludibriá-lo para que o mesmo consuma a fruta mágica, a fruta da suposta eterna juventude.

Como vemos, C. S. Lewis toma a Bíblia como fermento para sua história, porém não deixa de criar elementos próprios à sua narrativa. Ele se utiliza de figuras e da cronologia bíblica para criar o mundo vivido na sua infância, acrescentando elementos imaginários às suas aventuras.

A construção do sentido das coisas reais através da ficção é uma das características principais da visão filosófico-pedagógica de Lewis. Ao escrever, ele transporta seu leitor para o mundo desejado, aproximando-o do real, porém sem perder a leveza e o charme da imaginação.

Como dito anteriormente, Lewis teve uma infância mergulhada na fantasia das leituras feitas na biblioteca de sua família. Ele e seu irmão criavam mundos onde animais falavam e figuras pagãs dos seus autores preferidos existiam. Ele traz para *As Crônicas de Nárnia* essas mesmas formas, acrescentando à sua narrativa figuras que para muitos maculam o caráter evangelizador.

Um exemplo disso é o que veremos abaixo:

Pela primeira vez naquele dia havia silêncio absoluto, exceto pelo barulho da água corrente. O coração de Digory batia desordenadamente: sentia que algo muito solene estava para acontecer. Não se esquecera de sua mãe, mas também sabia que, nem mesmo em nome dela, poderia interromper a solenidade.

O Leão, cujos olhos jamais piscavam, olhava para os animais com dureza, como se fosse incendiá-los com o olhar. Uma transformação gradativa começou a ocorrer neles. Os menorzinhos . os coelhos, as toupeiras e outros do tipo . ficaram um pouco maiores. Os grandões ficaram um pouco menores. Muitos animais estavam sentados nas patas traseiras. Muitos viravam a cabeça de lado como se quisessem entender. O Leão abriu a boca, mas não produziu nenhum som: estava soprando, um sopro prolongado e cálido. O sopro parecia balançar os animais todos, como o vento balança uma fileira de árvores. Lá em cima, além do véu de céu azul que as esconde, as estrelas cantaram novamente: uma música pura, gelada, difícil. Depois, vindo do céu ou do próprio Leão, surgiu um clarão feito fogo (mas que não queimou nada). As duas crianças sentiram o sangue gelar-lhes nas veias. A voz mais profunda e selvagem que jamais haviam escutado estava dizendo:

. Nárnia, Nárnia, desperte! Ame! Pense! Fale! Que as árvores caminhem! Que os animais falem! Que as águas sejam divinas! (LEWIS, 2006,p.64)

Como vemos, Lewis traz pra sua narrativa características fantásticas comuns aos contos de fadas que dão aos animais e ao mundo de Nárnia peculiaridades inerentes a seres humanos reais. Há ainda há na narrativa personagens pagãs, como podemos observar:

Era decerto a voz do Leão. As crianças já haviam adivinhado que ele falava. Mesmo assim, quando falou, foi um choque para elas, ao mesmo tempo agradável e terrível.

Das árvores surgiram criaturas selvagens, deuses e deusas da floresta; chegaram com eles os faunos, os sátiros e os anões. Das águas saíram o deus do rio com suas filhas, as náíades. E todos eles e todos os animais, com suas vozes diversas, graves ou estridentes, roucas ou claras, replicaram:

. Salve, Aslam! Ouvimos e obedecemos. Estamos despertos. Amamos. Pensamos. Falamos. Sabemos (LEWIS, 2006, p. 65)

Fadas, anões, criaturas selvagens e deuses, como percebemos, não pertencem às criaturas criadas por Deus. São figuras da cultura pagã trazidas da mitologia Grega e Nórdica, presentes principalmente nas narrativas de cunho fantástico, contos de fadas e epopéias. As razões que fundamentam a

crítica à obra do escritor é a existência desses personagens acima citados. Contudo, C. S. Lewis faz o que há muito tempo é feito pela igreja: ele cristianiza esses seres, pois todos devem, respeitam e idolatram a Aslan, figura representativa de Deus na sua obra.

Considerações Finais

É inevitável o questionamento que muitos fazem sobre o propósito de C. S. Lewis em escrever essa obra, pois ela é composta tanto por alegorias cristãs quanto por elementos pagãos.

Um dos principais fatos ao qual os céticos recorrem para questionar o papel cristão da obra é a utilização de magia e dessas figuras do imaginário oculto. Entretanto, o objetivo de Lewis era escrever um livro para o público infante-juvenil e nada mais atraente para esses leitores que falar desses assuntos. Devemos levar em consideração também que dentro mesmo da Bíblia há várias demonstrações de milagres, que de certa forma não deixam de serem magias ou encantamentos.

É notória a presença de figuras pagãs em toda a obra, mas deve ser observado que Lewis traz para sua narrativa pregações cristãs que acerbam todo o livro, pois é fato histórico que o cristianismo sempre se utilizou de elementos de figuras pagãs para converter mais facilmente as civilizações. É desse mesmo artifício que Lewis se apropria, pois traz para sua obra elementos de sua infância que o encantavam e atraíam a sua atenção colocando em seu interior características da pregação cristã.

Em “*O sobrinho do mago*” o escritor narra na segunda parte do livro a criação de Nárnia pela figura de Aslan e segue em sua narrativa praticamente a mesma sequência ideológica e cronológica da Bíblia. Então se torna imprescindível questionar o forte papel da religião em sua literatura, que possui algumas características que vão de encontro aos dogmas sagrados.

Lewis nasceu em uma família cristã, passou sua infância perdido nos livros e na adolescência se declarou pagão. Após a perda da sua mãe, e só aos 30 anos mergulhou novamente na fonte do cristianismo, dedicando a essa filosofia suas principais obras, mostrando seu amor e dedicação à causa. Sua vida foi regada a muitas controvérsias, mas foram esses altos e baixos que alimentaram uma criatividade imensa, conseguindo trazer para suas obras peculiaridades dessas duas épocas, recursos esses que até hoje rendem debates sobre o que realmente C. S. Lewis queria.

Porém é visível a sua fé e amor aos preceitos de sua crença, inviolável e inquestionável é a sua fé em Deus depois de sua conversão. A literatura de Lewis sempre foi um reflexo direto do seu interior. Mesmo quando ele era ateu suas obras eram voltadas para a suas ideologias e essa regra não mudaria no mais importante momento de sua vida, tanto pessoal quanto profissional, como ele mesmo afirma sobre o cristianismo: "Porque era assim que a humanidade devia ser de acordo com o plano divino: como os músicos de uma única orquestra, como os órgãos de um único corpo." (LEWIS, 2010, p.).

Downing assim se pronuncia a respeito da visão de Lewis sobre o universo:

Lewis sugere nos final das contas, que a expansão inimaginável do Universo físico não deveria criar desespero em relação à pequenez do nosso mundo, a brevidade de nossa vida ou a futilidade de nossas esperanças. Ao contrário, ela pode ser contemplada como a vestimenta de Deus, uma metáfora física para a sua natureza infinita. (DOWNING, 2002, p.62)

As leituras do romance e do livro de *Gênesis* levam-nos a compreender um mundo novo. Lançado em um universo imaginário, C. S. Lewis nos faz, muitas vezes, identificarmos-nos com os heróis de sua narrativa, e nutre nossas almas com sonhos saindo de um espaço fechado para fora da realidade, promovendo uma experiência de literatura de existência única, levando-nos a questionar e a reaver certos valores. O uso de cenas e fatos bíblicos como pano de fundo para a sua narrativa não diminui em nada a sua genialidade, muito pelo contrário: ele consegue promover, de uma forma toda especial, uma evangelização bastante particular que é pela cristianização de figuras pagãs, como também pela transformação de fatos bíblicos em situações mais

atraentes e receptivos para seu público alvo, o infanto-juvenil, ele nos proporciona uma leitura agradável, didática e, sobretudo fascinante acerca da criação do Universo.

Referências bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. 121ª Edição. São Paulo. Editora Ave-Maria. 1998

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Ciência e Cultura. 24 (9): 803-809, set, 72.

DOWNING, David. C. S. *Lewis: O mais relutante dos convertidos*. Traduzido por Almiro Pissetta e Fernando Dantas. São Paulo. Vida. 2001

LEWIS, C. S. *Um experimento na crítica literária*. Traduzido por João Luis Ceccatini. São Paulo. Editora UNESP. 2009

LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia (Volume único)*. Traduzido por Paulo Mendes Campos e Silêda Steurnegel. São Paulo. 2010

REMÉDIOS, M. L. R. O Empreendimento autobiográfico: José Guimarães e Érico Veríssimo. In: ZILBERMAN, R. et al. **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004

VASCONCELOS, Sandra Gardini. *10 Lições sobre o romance inglês do Século XVIII*. São Paulo: Boi Tempo editorial, 2002.

ZILBERMAN, Regina. “Minha Teoria das edições humanas: Memórias Póstumas de Brás Cubas e a Poética de Machado de Assis”. In: ZILBERMAN, R. et AL, **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura**. Belo Horizonte. Ed. UFMG 2004

